



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO
ÁREA: COMUNICAÇÃO SOCIAL, JORNALISMO ESPORTIVO

Basquetebol como instrumento de inclusão e desenvolvimento social

Átila Viana Carneiro
RA: 20225844

Brasília, outubro de 2007

Átila Viana Carneiro

Basquetebol como instrumento de inclusão e desenvolvimento social. Análise da cobertura do pré-olímpico de basquete feita pelo Correio Brasiliense

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professor Severino Francisco

Brasília, Outubro de 2007

Átila Viana Carneiro

Basquetebol como instrumento de inclusão e desenvolvimento social. Análise da cobertura do pré-olímpico de basquete feita pelo Correio Brasiliense

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Severino Francisco
Orientador

Examinador
Luis Cláudio Ferreira

Examinadora
Luzia Giffoni

Brasília, outubro, 2007

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que me apoiaram durante este curso e em toda minha vida. Em especial, meus pais, pela atenção, dedicação e apoio incondicional dado à minha pessoa. E aos meus professores, que foram e ainda são peças fundamentais na minha formação.

Agradecimentos

Agradeço principalmente a meus pais, Luiz e Ubaldina, por estarem ao meu lado todos esses anos nos momentos de alegria, e principalmente, nos momentos de tristeza, sempre tentando me motivar e iluminar para enfrentar todos os desafios. Pelo exemplo que me deram de coragem, determinação e disciplina. Exemplo que não irei esquecer nunca, e espero passar para os meus filhos

Coragem nem sempre significa
rugir o tempo todo. Às vezes,
coragem é aquela voz baixinha
no fim do dia dizendo:

'Eu irei tentar de novo amanhã'

Mary Anne Redmacher

RESUMO

A monografia começa retratando um pouco da história do basquete no Brasil e no mundo, desde o surgimento até os dias atuais. Em seguida, são tratados assuntos relacionados à mídia, educação, esporte e a importância do basquete como ferramenta social na construção dos valores dos jovens no Brasil e nos Estados Unidos. O estudo também cita possíveis soluções a partir de alguns especialistas para que o esporte volte a ocupar um lugar de destaque. E finalmente, é feita uma análise da cobertura realizada pelo jornal impresso Correio Brasiliense durante o pré-olímpico de basquete, realizado em Las Vegas, no período de 22 de agosto a 3 de setembro de 2007.

Palavras-chave: Basquete, Jornalismo Esportivo, Mídia, Social.

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução | 10 |
| 1 História do basquetebol | 11 |
| 1.1. História do basquetebol no Brasil | 12 |
| 1.2. Situação atual do basquetebol brasileiro | 13 |
| 2 Esporte e educação | 15 |
| 2.1 Basquete como instrumento de inclusão Social | 16 |
| 2.2. Basquete nos Estados Unidos | 18 |
| 2.3. Basquete no Brasil | 20 |
| 2.4 As condições das quadras esportivas públicas | 22 |
| 2.5 A carência de ídolos | 23 |
| 3. Mídia e Basquete | 25 |
| 3.1. Esporte espetáculo | 26 |
| 3.2. O basquete na internet | 27 |
| 4. Análise da cobertura do pré-olímpico feita pelo Correio Brasiliense | 29 |
| 4.1. Sobre o pré-olímpico | 29 |
| 4.2. Análise quantitativa da cobertura | 29 |
| 4.3. Análise qualitativa da cobertura | 31 |
| 5 Conclusão | 33 |
| Referências | 34 |
| Apêndice A | 35 |

INTRODUÇÃO

A importância do esporte para a sociedade pode ser demonstrada de diversas formas. Na verdade, a prática do esporte, neste caso o basquete, tem reflexos significativos principalmente na educação de jovens, podendo contribuir para a superação de problemas sociais apresentados pelo país.

O basquete é um esporte praticado por mais de 300 milhões de pessoas em todo mundo segundo a Confederação Brasileira de basquete. Porém no Brasil o esporte passa por dificuldades. A seleção masculina não conseguiu se classificar para as duas últimas Olimpíadas e pode ficar de fora da terceira olimpíada seguida após conseguir apenas o quarto lugar no pré-olímpico realizado em Las Vegas, nos Estados Unidos.

Pela primeira vez na história, a mais importante liga de basquete do mundo, a NBA, conta hoje com a participação de cinco brasileiros. Ainda assim, o espaço destinado à modalidade na mídia brasileira é pequeno em relação aos outros esportes. O domínio do futebol é evidente e os especialistas afirmam que enquanto os times, especialmente a seleção brasileira não conseguir bons resultados, a situação não mudará.

O objetivo deste trabalho é destacar a importância que o basquete tem como ferramenta de desenvolvimento e inclusão social de jovens que se não fosse pelo esporte, provavelmente estariam vivendo na criminalidade. Bem como expor os pontos negativos que precisam de atenção, como principalmente o importante papel da mídia na divulgação do basquete. São abordados também a relação do basquete com a educação além de uma análise da cobertura do pré-olímpico nos Estados Unidos feita pelo Correio Brasiliense entre os dias 22 de julho e 03 de agosto de 2007.

1 História do Basquetebol

O basquete surgiu em 1891, no estado de Massachussets, nos Estados Unidos. Devido ao longo e rigoroso inverno, o que impossibilitava a prática de esportes ao ar livre, James Naismith, então com trinta anos, foi obrigado a pensar em algum jogo que estimulasse os alunos a praticar alguma atividade nos ginásios, além da ginástica, modalidade que parecia entediar aos alunos há um bom tempo.

James fez um esforço definitivo e chegou as seguintes conclusões quanto às características que o jogo deveria representar: 1ª. Ser um esporte para vários jogadores; 2ª. ser adaptável a qualquer espaço; 3ª. Servir como exercício completo; 4ª. Ser fácil de aprender e não-violento; 5ª. Lograr interesse geral, pelo grau de dificuldade. Naismith começou a fazer comparações entre o que pretendia e os esportes existentes. Não poderia faltar a bola, e teria de ser uma bola grande. Suas deduções levaram a conclusão de que uma bola grande estaria sendo evitado o jogo com raquetes, e essa não poderia ser uma bola oval, igual à do rúgbi. (DUARTE, 2003, Pg. 73)

A preocupação seguinte do professor era quanto ao alvo que deveria ser atingido pela bola. Imaginou primeiramente colocá-lo no chão, mas já havia outros esportes assim, como o hóquei e o futebol. A solução surgiu como um relâmpago: o alvo deveria ficar a 3,5m de altura, onde imaginava que nenhum jogador da defesa seria capaz de parar a bola que fosse arremessada para o alvo. Tamanha altura também dava um certo grau de dificuldade ao jogo, como Naismith desejava desde o início. (CONFEDERAÇÃO, 2006. Disponível no site www.cbb.com.br)

Naismith então foi atrás de duas caixas com aberturas de quarenta e cinco centímetros e acabou conseguindo com um funcionário da escola dois cestos velhos de carregar pêssego. Ele então prendeu os cestos em duas pilastras de mais de três metros de altura, uma em cada lado do ginásio, aí estavam as primeiras “cestas de basquete”.

James Naismith escreveu rapidamente as primeiras regras do esporte, contendo treze itens. Elas estavam tão claras em sua cabeça que foram colocadas no papel em menos de uma hora. O criativo professor levou as regras

para a aula, colocando-as num dos quadros de aviso do ginásio e depois avisou aos alunos que tinha instruções. (CONFEDERAÇÃO, 2006)

Surgia um novo esporte. James Naismith preparou em duas horas as treze regras do esporte, publicadas em 15 de novembro de 1892. As equipes seriam formadas por nove jogadores de cada lado (hoje são apenas 5), e os cestos com 39 centímetros de diâmetro ficaria a 3,05 metros do chão. O objetivo seria arremessar com sucesso para dentro dos cestos. Nas regras de Naismith era proibido, empurrar, segurar, dar passos sem quicar a bola, e tocar no adversário por exemplo. Regras que até hoje ainda são aplicadas. Naquela época, James já falava em alas, guardas e centros em sua regulamentação. (DUARTE, 2003, p.74)

Naismith não poderia imaginar a extensão do sucesso alcançado pelo esporte que inventara. Seu momento de glória veio quando o basquete foi incluído nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e ele lançou ao alto a bola que iniciou o primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas.

Hoje, o esporte é praticado por mais de 300 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo dados divulgados no site da Confederação Brasileira de Basquete, com mais de 170 países filiados à FIBA.

1.1 História do basquetebol no Brasil

O Brasil foi um dos primeiros países a conhecer o basquete. Foi um americano, nascido em Nova York, chamado August Shaw, que trouxe a novidade para o país em 1896. Após receber a graduação, Shaw foi convidado pela tradicional *Mackenzie College* de São Paulo para dar aula, e trouxe além de seu conhecimento da história da arte, trouxe em sua bagagem também, uma bola de basquete. E foram as mulheres que primeiro aprovaram o novo jogo. Entre os homens a difusão do basquete levou um tempo maior, devido principalmente a forte popularidade do futebol naquela época, e que claro, se encontra até hoje.

E foi o professor Oscar Thompson que deu continuidade a divulgação do esporte no Brasil. Ele instituiu o esporte na Escola Normal de São

Paulo por volta de 1906, e foi um sucesso imediato. Porém, segundo Orlando Duarte (2003, pg. 80), “há uma corrente de historiadores que ostenta que o basquetebol teria começado no Rio de Janeiro em 1912, na ACM da rua da Quitanda.”

A partir daí, o basquete não parou de crescer. A primeira seleção brasileira foi convocada em 1922 para disputar um torneio contra as seleções da Argentina e do Uruguai. Em 1941 foi fundada a Confederação Brasileira de Basquete.

Em 1933 houve uma cisão no esporte nacional, quando os clubes que adotaram o profissionalismo do futebol criaram entidades especializadas dos vários desportos. Apareceu assim a Federação Brasileira de Basquetebol, em 25 de dezembro de 1933, no Rio de Janeiro. Em assembléia aprovada dia 26 de dezembro de 1941, passou ao nome atual, Confederação Brasileira de Basquetebol. (CONFEDERAÇÃO, 2006)

Os títulos começaram a aparecer um pouco mais tarde, a seleção brasileira sagrou-se bicampeã mundial em 1959 e 1963. De lá pra cá o título mais importante foi do pan-americano de 1987 nos Estados Unidos, contra os anfitriões. A seleção feminina alcançou o seu auge em 1994, quando foi campeã mundial e vice-campeã olímpica em Atlanta. Nessa época o basquetebol feminino ainda contava com o trio fantástico, Hortência, Paula e Janeth, jogando juntas. (DUARTE, 2003, p.

1.2 Situação atual do basquetebol brasileiro

O basquete brasileiro atual vive sua pior fase. Fora do país, o basquete brasileiro tem vários jogadores obtendo sucesso, cinco deles estão disputando a temporada na cobiçada NBA (liga norte americana), um número recorde, porém a situação do basquete no Brasil esta cada vez mais caótica.

Especialmente depois da derrota para a Argentina na semifinal do pré-olímpico em agosto de 2007 em Las Vegas, nos Estados Unidos. O Brasil precisava vencer para não deixar de ir na terceira olimpíada seguida. Agora irá

disputar uma repescagem com seleções do mundo todo, ou seja, uma missão ainda mais difícil.

Entretanto, essa é apenas uma das várias dificuldades que o basquete brasileiro enfrenta há um bom tempo. A falta de estrutura dos campeonatos regionais e nacional, o desinteresse de patrocinadores e da rede aberta de televisão do país são provavelmente, os principais problemas.

2. Esporte e educação

Nos Estados Unidos, Cuba e recentemente a Espanha, o incentivo ao esporte é presente, atletas já entram em contato com o esporte nas escolas de primeiro grau paralelamente ao estudo, depois eles têm mais apoio ainda quando ingressam nas universidades. Esses três países são hoje grandes potências no esporte mundial em qualquer modalidade.

Apesar de o esporte e a educação caminharem juntos em diversos países, no Brasil essa política de sucesso ainda emplacou. A situação do esporte de competição e mesmo o de participação nas universidades federais está em segundo plano. Em Brasília, por exemplo, apenas quatro universidades disputam o toneio todo ano para ver quem fica com a vaga para disputar o brasileiro. Porém essas competições já aconteceram com maior intensidade nas universidades federais, que chegaram a movimentar milhares de universitários e times.

Mauro Betti (1998, pg. 28) cita o argumento do pedagogo francês Georges Belbenoit em relação ao esporte na escola e nas universidades.

Integrar o esporte na escola tem um sentido, implica uma certa idéia de educação, uma intenção e uma ação educativa. Integrar o esporte na escola é preparar o desenvolvimento do esporte para todos no quadro de uma política de saúde para todos, de cultura para todos, e de uma renovação da vida democrática; integrar o esporte para a vida toda à educação é afirmar que esta não deve apenas permitir ao homem continuar na corrida da evolução tecnológica, mas salvaguardar para ele, ao longo da sua existência, e sob todas as formas, biológica, estética, social, pessoal, a qualidade de vida. (BETTI, 1998, p. 28)

E Georges Belbenoit vai mais além sobre a importância da valorização do esporte nas escolas.

O esporte é a forma mais rica e adaptada ao nosso tempo de um tipo de experiência de base, carnalmente vivida, que permite construir, pela prática e pela reflexão, uma ética de saúde global. O esporte é atividade de cultura, na medida em que a noção formal de equilíbrio entre corpo e espírito é substituída pela de convergência de todas as tentativas educativas (pois elas tendem para um objetivo único e põem em movimento a totalidade dos poderes humanos). O esporte é cultura porque há cultura onde se encontra, ao mesmo tempo, possibilidade de desenvolvimento pessoal e participação numa prática social significativa. O esporte é um instrumento de cultura e

de libertação do homem moderno na medida em que desempenha a função biológica de preservação da saúde e a função sociocultural de comunicação, participação e expressão. O esporte e o fenômeno sociocultural mais importante de nossa época, e é tão urgente aprender a posicionar-se diante dele quanto em relação aos meios de comunicação de massa. Introduzir o esporte na escola, assim como as novas tecnologias pedagógicas, audiovisuais ou informática, é fazer viver a escola com o seu tempo. (BETTI, 1998, Pg. 25)

No âmbito social, o esporte tem função pedagógica no processo de formação do indivíduo, ressaltando a disciplina, a solidariedade, trabalho em equipe e outros aspectos favoráveis a construção de valores. O que reforça ainda mais a urgência em desenvolver projetos que desenvolvam os esportes nas escolas e universidades brasileiras.

Há ausência de uma política para estimular a atividade em escolas e universidades. O desporto escolar não possui objetivos específicos. As escolas são despreparadas para o esporte. Os professores se atualizam por conta própria e acabam por serem obrigados a trabalhar com outra coisa devido ao salário baixo. A falta de materiais esportivos nas escolas e universidades é outro agravante. As unidades escolares carecem de espaços, instalações e recursos humanos qualificados.

2.1 O basquete como instrumento de inclusão Social

Esporte não é apenas competição, somente entrar para tentar ganhar a qualquer custo, ele vai muito além das disputas acirradas dentro de ginásios e estádios. Cada vez mais cresce a importância do Esporte como ferramenta de inclusão social. Mesmo que tenha como princípio o desenvolvimento físico e da saúde, serve também para obtenção de valores sociais. E aliado a educação, realmente funciona como ferramenta de inclusão, como acontece nas universidades americanas e Espanha(nos últimos anos), obtendo sucesso na formação de estudantes e atletas.

Na busca de soluções práticas de combate à criminalidade juvenil, e procurando resgatar a cidadania e promover a inclusão social dos jovens em situação de risco, surgiu o esporte à meia noite, um projeto da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, em parceria com os demais órgãos governamentais e não governamentais. O horário de funcionamento dos centros esportivos parece inusitado, mas têm uma justificativa, os idealizadores do projeto constataram que era justamente entre as onze e duas da manhã que ocorria a maior parte dos crimes na região.

O projeto, que começou em 1999 na cidade satélite de Planaltina no Distrito Federal, onde o índice de criminalidade era altíssimo entre os jovens. Segundo dados da Secretaria de Segurança de Distrito Federal, houve em Planaltina uma redução de 20% dos crimes e setenta e cinco participantes do projeto já foram capacitados em cursos profissionalizantes de informática, massagem, auxiliar administrativo, instalado de TV a cabo, entre outros.

Para o jornalista Renato Marques, os projetos sociais com atividades físicas têm um fator motivador extremamente positivo.

As experiências com projetos sociais ligados ao Esporte mostram que a atividade física, em especial no que diz respeito aos mais jovens, tem um fator motivador extremamente positivo. Assim, se bem trabalhado, o projeto extrapola - e muito - a esfera da competição esportiva. Os efeitos são sentidos no dia-a-dia, com crianças e adolescentes mais concentradas nas aulas, disciplinadas e, principalmente, fora das ruas. Em muitos casos, inclusive, os projetos não se restringem apenas ao treinamento esportivo. (MARQUES. Disponível em www.universia.com.br)

Existem outros projetos espalhados pelo Brasil. Dentre eles, o que vem tendo destaque é o movimento do *streetball*, ou basquete de rua, que tem atraído milhares de fãs em todo o Brasil. Em Ceilândia, cidade satélite do Distrito Federal, grupos de jovens se reúnem para treinar e participar de competições em que as regras são do basquete de rua dos Estados Unidos. Para eles, o basquete de rua já um “meio de vida”.

2.2 O basquete nos Estados Unidos

Segundo Roger Rosenblatt, existem provavelmente países onde as pessoas são tão loucas por esportes como nos Estados Unidos, mas talvez não exista um lugar onde o sentido e o modelo de país esteja tão evidente em seus jogos. “Das maneiras mais inusitadas, os Estados Unidos da América são seus esportes. O livre mercado é um equivalente da competição no campo de jogo, aparentemente selvagem e emaranhado embora contido por regras, dependente da iniciativa individual em uma estrutura corporativa (time). Ao mesmo tempo aberto e controlado.”(ROSENBLATT,2003.Disponível:<http://www.usinfo.state.gov/journals/itsv/1203/ijsp/rosenblatt.htm>)

Para Roger, ao contrário de outros países, nos EUA não há ministro dos esportes; cada jogo é uma livre iniciativa parcialmente ajudada pelo governo, mas basicamente uma entidade independente que contribui para o cenário nacional como qualquer grande negócio.

Os próprios campos de jogo simulam os grandes espaços abertos que já não existem mais e que acabaram dando lugar para o surgimento de muros. Hoje cada campo de beisebol, futebol americano e cada quadra de basquete é uma versão da fronteira acrescida de espectadores. E cada estádio coberto, uma lembrança *high-tech* de um tempo de vida e de sonhos onde o céu era o limite. (ROSENBLATT, 2003)

Ele se concentra em três esportes. Beisebol, futebol americano e basquete, porque são os que os americanos já nascem jogando.. O beisebol, o futebol americano e o basquete são dos americanos, diz Roger.

Derivados tacitamente de nossas ambições e inclinações, reflexos de nossos sucessos e de nossos fracassos e também de nossas almas. São tão bons e tão ruins quanto nós, e os assistimos, conscientemente ou não, como dramas alegóricos de nossas naturezas conflitantes, retratando o melhor e o pior de nós. No fundo, são nossas aventuras, breves resgates da nossa inocência nacional. O placar de ontem é a ilusão de renascimento de amanhã. Quando um jogo acaba, ficamos eufóricos ou arrasados, e voltamos com relutância à nossa vida não tão excitante, no entanto, sempre conduzidos pela esperança, esperando o próximo jogo ou o próximo ano. (ROSENBLATT, 2003)

A integração levou muito menos tempo no basquete do que nos outros dois grandes esportes norte-americanos, porque desde muito cedo se tornou o jogo das áreas mais pobres da cidade e muito popular entre os afro-americanos. Mas o prazer de assistir a um jogo de basquete deriva das qualidades do esporte desprovidas de qualquer conotação racial. Aqui está um contexto onde literalmente a ascensão social é demonstrada em uma competição aberta. Negros ou brancos, os melhores jogadores fazem os melhores passes, bloqueiam a maioria dos arremessos e fazem mais pontos.

O grande apelo do basquete nos Estados Unidos está no fato de que uma criança, por mais pobre que seja, poder contribuir para enriquecê-lo, e que há um mistério na forma como isso acontece. Nem o beisebol nem o futebol americano possuem o irresistível estímulo, o fascínio sincopado desse jogo no qual o corpo humano pode fazer coisas extraordinárias, desafiar a gravidade com tamanha graça. A crença no mistério é parte do lado ingenuamente belo do sonho americano, que de fato acredita que o impossível é possível. (ROSENBLATT, 2003)

Essa crença mergulha fundo no universo esportivo dos Estados Unidos. Ela começa cedo na vida de um norte-americano, com um jogo de agarrar ou arremessar uma bola de futebol americano ou com crianças arremessando bolas de basquete em um *playground*. A primeira vez que se rebate uma bola de beisebol, a primeira vez que se arremessa com uma bola de futebol americano, a primeira vez que um menino ou uma menina tem força para arremessar uma bola de basquete na cesta. Esses são ritos de passagem da nação. (ROSENBLATT, 2003)

E essa abordagem em relação ao esporte faz com que os Estados Unidos sejam um exemplo a ser seguido. O esporte universitário nos EUA é levado muito a sério, é um modelo brilhante, mas que passa por uma conscientização social, político e econômica.

Os alunos recrutados nas universidades têm uma variedade de esportes para praticar e claro, poder se formar no curso que desejarem. Muitos ganham bolsa de estudos exatamente através dos esportes, e podem até chegar a jogar profissionalmente, o sonho de todo atleta. Os esportes universitários nos Estados Unidos são um negócio bilionário, envolvendo não só jogadores, mas técnicos, treinadores e principalmente, a mídia, que faz total cobertura como se os atletas fossem profissionais. Os jogos universitários de basquete, a NCAA, atraem a

atenção de milhões de pessoas todos os anos e muitas vezes, é mais valorizado do que o profissional.

O jornalista Fábio Balassiano, não acredita em um projeto como esse no Brasil.

Sempre citamos o exemplo americano, o cubano, agora pode-se falar do espanhol, que alcança um sucesso incrível, mas tudo isso passa pela vontade política dos governantes e pela iniciativa de nossas confederações e da população de um modo geral. Como nenhum dos casos ocorre, a situação do esporte tende a ficar na mesma. Vivendo de expoentes esporádicos, como o Gustavo Kuerten no tênis, a Daiane na ginástica, o Leandrinho e o Nenê no basquete e por aí vai. Isto porque a famosa tríade educação-esporte-saúde jamais saiu do papel no Brasil. Copiar o modelo americano seria o mais sensato, porém o mais utópico. (Balassiano, 2006, Entrevista concedida ao autor Vagner Vargas)

Esse modelo fantástico de mesclar esporte e educação nos Estados Unidos faz até com que o Brasil perca grande parte de seus melhores atletas. No basquete, Rafael Araújo e JP Batista, são os últimos que deixaram o Brasil para tentar a sorte nas universidades dos Estados Unidos. Para Rafael, também conhecido como Baby, a tentativa foi válida, hoje ele está jogando na NBA e JP Batista ainda está na luta para tentar uma vaga na disputada liga.

2.3 O basquete no Brasil

No Brasil, o esporte e o basquete ainda sofrem muito com o descaso e pouco apoio da iniciativa privada, que na verdade só patrocinam atletas que obtêm resultados expressivos, sem se preocupar com os novos atletas. E Os fracos ministérios e secretarias do esporte nada fazem para mudar essa realidade triste.

Noronha Fei(Feio, 1978) e Cazorla Prieto(Cazorla,1979), responsabilizam o Estado pela qualidade de vida e justificam apoios estatais econômicos e financeiros no chamado esporte de tempo livre, também denominado popular, desde que tenham objetivos definidos na direção do entretenimento, e que não excluam o fomento à educação física e ao esporte-educação. Também a Conferência Internacional de Ministros e altos Funcionários responsáveis pela Educação Física e Desportos, promovida pela UNESCO, em 1976(UNESCO), ao

reconhecer a relevância social da cultura física e do esporte como fundamentos da educação permanente dos povos, recomendou que os Estados se responsabilizem pelas estratégias político-esportivas relacionadas com a população em geral, isto é, pelo estímulo do esporte-participação ou popular. (TUBINO, 2001, p. 22)

Entretando, os atletas brasileiros, em sua maioria, passam por sérias dificuldades no decorrer da vida em busca de uma carreira, de poder realizar o sonho de praticar algum esporte e poder disputar competições de alto nível. Aqueles que conseguiram chegar a algum lugar foram por pura força de vontade e superação. A maioria não consegue o merecido apoio até que consigam chegar ao sucesso por conta própria atraindo assim os patrocinadores.

Todos os dias atletas brasileiros tem destaque em competições fora do Brasil. Seja no futebol, basquete, vôlei ou ginástica, citando apenas alguns. Entretanto, a repercussão desses esportes no próprio Brasil, com exceção do futebol, é lastimável.

Para um esporte despontar em termos de popularidade é necessário que aos atletas deste esporte consigam ótimos resultados por conta própria, pois na maioria das vezes, não contam com nenhum apoio. Foi o caso da geração do voleibol que ganhou as olimpíadas de Barcelona em 1992 e de lá pra cá não parou mais de conquistar títulos, e claro, a simpatia do povo brasileiro. Foi o caso também de Thiago Pereira da natação e Diogo Silva do taekwondo que conquistaram medalhas para o Brasil Pan-Americano do Rio de Janeiro e praticamente imploraram por apoio.

O tênis foi outro esporte que despontou no cenário nacional com o sucesso de Gustavo Kuerten no final dos anos 90. Porém, após ganhar títulos importantes, Guga sofreu diversas contusões, e desde então, praticamente desapareceu da mídia.

No basquete, o campeonato brasileiro não é transmitido por nenhum canal aberto, atletas viajam de ônibus muitas vezes, e os times não têm a estrutura e o apoio devido para dar aos atletas boas condições. O que resulta numa

performance em quadra abaixo do esperado, com que menos pessoas comparecendo aos jogos.

2.4 As condições das quadras esportivas públicas

Impossível não notar a situação precária em que se encontram as quadras públicas espalhadas pelo Distrito Federal, inclusive as quadras do Parque Sara Kubitschek, que fica no centro de Brasília e é o maior centro de lazer do DF, com 4,2 milhões de metros quadrados. Mesmo assim, o parque conta apenas com três quadras, sendo que apenas uma está em condições de uso. E esta que esta disponível para a população foi reformada pelos próprios usuários, sem participação nenhuma da administração.

Há um bom tempo que a administração do Parque Sara Kubitschek afirma haver um projeto para revitalização das quadras, porém o projeto não sai do papel. Há mais de sete anos não fazem a manutenção das quadras.

Segundo Manoel Tubino (TUBINO, 2001), o estado deveria exercer um papel fundamental na prática dos esportes em áreas públicas. “No caso das áreas públicas e na Natureza, o papel do estado para a promoção social do esporte aos cidadãos será dos mais importantes.” (TUBINO, 2001, Pg. 27)

A situação caótica das quadras esportivas públicas é o maior problema na opinião de muitos especialistas. Pois, qualquer criança para ter interesse no basquete, precisa antes de mais nada, ter algum contato com o esporte. Principalmente em um país onde a dominância do futebol é inegável. A falta de estrutura para prática do esporte, somada à pífia cobertura dada pelas emissoras brasileiras de televisão ao basquete mundial, contribuíram e muito para a atual situação do basquete no Brasil, que talvez fique de fora pela terceira vez seguida de disputar uma Olimpíada.

Para Brasília, que já revelou jogadores como Oscar, o maior astro da história do basquete nacional, Brasília, Arthur, entre outros, fica a esperança e

expectativa de projetos do governo ou simplesmente, alguém que se importe com o esporte da cidade que já provou ter muitos talentos para o esporte.

2.5 A carência de ídolos

O que se deve fazer para se tornar um grande jogador e ídolo de milhões? Cabe aqui citar afirmação do consagrado técnico de basquete da NBA, Chuck Daly.

Qualquer grande atleta deve ter excelentes habilidades e muita dedicação. A terceira qualidade necessária é muito mais difícil de definir ou simplesmente por em palavras. Alguns iriam dizer liderança e vontade de vencer, mas eu não estou totalmente certo. Esta terceira qualidade está relacionada ao processo mental do atleta, um certo tipo de mentalidade e ética de trabalho. Um técnico pode ensinar habilidades atléticas, é possível que um técnico ofereça as palavras certas na hora certa para tentar manter o atleta motivado o tempo todo. Mas um técnico não pode fazer mais que aguçar o desejo do atleta de querer a vitória. O quanto o atleta é capaz de dar valor a essas vitórias depende de cada um, do trabalho interno de cada um. (DOLAN, 1994, pg. 6)

E não há dúvida que Michael Jordan foi o atleta mais dedicado e carismático da história do basquete e talvez de todos os esportes. Sua chegada ao basquete aumentou a popularidade do esporte no mundo inteiro, ampliou os índices de audiência de uma forma nunca vista antes, multiplicou os lucros de seus patrocinadores assustadoramente e fez com que crianças de todo o mundo pegassem uma bola de basquete e se interessasse pelo jogo. Jordan teve o seu auge nos anos 90, quando conquistou seis títulos pelo Chicago Bulls e alcançou o auge da fama e sucesso. Foi exatamente nessa época que o basquete no Brasil também estava no auge de popularidade. Principalmente, devido a cobertura dada pelas televisões brasileiras, e indiscutivelmente, o talento e carisma de Michael Jordan.

Entretanto, Jordan abandonou o basquete em 1998, e com ele milhões em todo mundo pararam de assistir o basquete. O índice de audiência chegou na época que Jordan ganhou seus títulos a 18.7 nos Estados Unidos,

correspondendo a 27 milhões de pessoas. As finais da NBA de 2007 bateram um recorde, só que negativo. O índice chegou a 6.2, ou seja, aproximadamente apenas 9 milhões assistiram ao Cleveland Cavaliers perder para o San Antonio Spurs.

No Brasil, Oscar Shimidt foi o maior ídolo da história do basquete brasileiro. O “mão santa” como foi apelidado por ter um arremesso certo, participou de cinco Olimpíadas e é o maior cestinha da história do basquete. Sua trajetória na seleção brasileira foi o ponto de destaque em sua carreira. Oscar teve o seu auge a conquista do Pan Americano de Indianápolis nos Estados Unidos, quando o Brasil conquistou o ouro em cima da toda poderosa seleção dos Estados Unidos, que contava com jogadores que estavam em atividade na NBA, melhor liga de basquete do mundo. Oscar fez seu último jogo na seleção nas olimpíadas de 1996, em Atlanta, se aposentando da seleção e levando também com si, milhares de fãs.

3. Mídia e basquete

Maybyner, ou simplesmente Nenê, um garoto do interior de São Paulo, teve seu primeiro contato com o basquete em 1995 aos treze anos. Ele estava em sua casa quando assistiu a um jogo da NBA. No dia seguinte, em vez de jogar futebol como sempre fazia, acabou decidindo por, naquele dia, tentar jogar o basquete e nunca mais parou. Hoje ele atua pelo Denver Nuggets, time da mais importante liga de basquete do mundo, a NBA.

Seria banal afirmar que as emissoras estão mais preocupadas com o retorno financeiro do que em apoiar o crescimento de algum esporte, no caso o basquete. E é exatamente neste ponto em que Mauro Betti faz sua crítica.

A relação esporte-televisão vem alterando, progressiva e rapidamente, a maneira como praticamos e percebemos o esporte. Elemento-chave nessa transformação foi a figura do espectador, esse indivíduo que está disposto a pagar para assistir a uma competição esportiva, e assim financiar o sistema comercial do esporte. (BETTI, 1998, pg. 31)

Segundo Mauro Betti (1998), a expressão “esporte espetáculo” seria a mais apropriada para designar a forma que o esporte assumiu em nossa sociedade. A Rede Globo é o maior exemplo de completo desprezo pelo basquete. Por ser a maior e mais rica emissora, deveria tentar contribuir com o crescimento de outros esportes. Entretanto, o canal esgota o telespectador com a maioria de notícias apenas de futebol. O canal pago, Sportv, pertencente ao grupo Globo também, transmite quase que 24 horas por dia, algum programa de futebol, desde mesas redondas debatendo assuntos repetitivos, até jogos de todos os campeonatos do mundo.

Por essas e outras razões, os fãs do basquete podem se considerar infelizes com a situação atual do esporte no Brasil. E isso se deve principalmente ao espaço dado ao basquete na mídia brasileira. O campeonato brasileiro de basquete não é transmitido por um canal aberto há vários anos, e os canais de esporte das TV'S por assinatura pouco falam do basquete.

Entretanto, não foi sempre assim. Até o fim dos anos 90, o basquete chegava praticamente todos os dias nas televisões brasileiras. Isso porque as emissoras, em especial a Rede Bandeirantes, davam cobertura diária ao basquete mundial, em especial a NBA. Com jogos ao-vivo, especiais, entrevistas e reportagens diárias em todos os jornais esportivos praticamente, o basquete estava em constante evidência, o que acabava atraindo e chamando a atenção de cada vez mais pessoas. Além dos canais pagos ESPN e TNT que transmitiam jogos até quatro vezes por semana.

Porém, a TNT resolveu parar de transmitir os jogos. E a ESPN, até então, a única esperança dos fãs, ficou dois anos seguidos transmitindo jogos apenas uma vez por semana e chegou a deixar de transmitir os dois eventos que costumavam dar maior audiência e retorno, o jogo das estrelas, que acontece no meio da liga norte-americana e as finais da liga que acontece de abril a junho. Hoje a ESPN é o único canal que transmite jogos da NBA. E mesmo assim, apenas duas vezes por semana. Cada time joga 82 vezes durante a temporada durante quase oito meses e todos os dias acontecem de três a dez jogos.

“O basquete tem que investir na massificação e divulgação do esporte. Assim, dois fatores pra mim são primordiais: basquete na TV (aberta) e basquete na escola. Vivemos a monocultura do futebol, em detrimento dos outros esportes. Um espaço na TV aberta (mostrando grandes eventos do basquete pelo mundo, como a NBA, ou o próprio basquete brasileiro) seria importantíssimo.” (NERY, anexo A)

3.1 Esporte espetáculo

Segundo Giovani Pires, atualmente, o esporte parece ser o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva porque oferece, em contrapartida, o show já pronto. O cenário, o roteiro, os atores, os espectadores e até os (tele)consumidores estão antecipadamente garantidos, o que facilita a sua

transformação em produto facilmente comercializado/consumido em escala global.(PIRES, 2002, p. 90)

O esporte se transformou em um completo espetáculo de fácil consumo no mundo todo e a situação tem entrado na sua fase mais séria. Segundo Luis Fernando Pozzi,

O esporte se tornou um produto perfeito para satisfazer aos dois mercados da TV.: o telespectador, que cada vez mais consome esportes (as maiores audiências da TV mundial são de eventos esportivos), e o mercado publicitário, atraído pelas grandes audiências junto aos seus públicos-alvo. (POZZI)

Manoel José Gomes Tubino afirma que o esporte, pelas suas particularidades e pelo fascínio que envolve e provoca, permite muitas vezes um mal uso de suas possibilidades de conteúdo e com as suas finalidades. E cita alguns efeitos sociais negativos do esporte moderno e sua espetacularização.

A reprodução compulsória do esporte-performance na educação; as violências do esporte-performance; a discriminação contra a mulher no esporte; o uso ideológico-político do esporte; a preponderância da lógica do mercantilismo no esporte.(TUBINO, 2001. p.45)

Ou seja, o esporte é um fenômeno social que atingiu níveis muito complexos de desenvolvimento nas diversas sociedades E a relevância social do esporte chega até a sugerir que é possível construir uma sociedade mais humana através do esporte. (TUBINO, 2001. p. 57).

3.2 O basquete na internet

Aos fãs e adeptos do basquetebol, restou se render às inovações tecnológicas e tentar acompanhar o basquete mundial, em especial a NBA, pela internet. A rede mundial de computadores, conta hoje com diversos programas que permitem ao usuário assistir canais do mundo inteiro, e assim poder assistir a jogos de basquete ao vivo, dentre outros esportes.

Para ter acesso aos jogos, basta baixar um dos programas de simples instalação, que poderão assistir na tela do seu computador jogos todos os

dias, inclusive as finais. Claro, a qualidade não é igual à de uma televisão, e a narração é original em inglês ou até em chinês, pois alguns canais são da China, mas para os desesperados fãs do basquete, isso já constituiu uma alternativa.

O site Globo.com também começou a transmitir jogos da NBA para aqueles que estiverem dispostos a pagar uma taxa. Além do site oficial da liga americana de basquete(www.nba.com) que disponibiliza de um vasto repertório de vídeos e também a opção de poder ouvir os jogos e também acompanhar o resultado e as estatísticas ao vivo.

Existe também a possibilidade de fazer o download de partidas já realizadas por meio de programas que permitem o compartilhamento de diversos arquivos, são os famosos *Torrents*. O basquete também já tem seu espaço no site de relacionamentos, o orkut, onde os fãs do basquete se reúnem para compartilhar informações de onde assistir jogos ao vivo.

4. Análise da cobertura do pré-olímpico feita pelo Correio Brasiliense

4.1 Sobre o pré-olímpico

A competição, regada de desentendimentos na seleção brasileira, foi realizada em Las Vegas, nos Estados Unidos, pela FIBA (Federação Internacional de Basquete), reunindo os melhores times das Américas para disputar as duas vagas para os jogos olímpicos de Pequim em 2008. Os fãs do basquete tinham este torneio como o mais importante da história do basquete brasileiro, visto que a seleção ficou de fora das últimas duas olimpíadas e conquistou apenas um décimo nono lugar no mundial realizado em 2006.

Contando com a presença de dois jogadores que estão atuando na liga norte-americana de basquete, Nenê Hilário e Leandrinho Barbosa, a seleção chegou a ser considerada a favorita depois da toda poderosa seleção dos Estados Unidos. O Brasil, depois de um começo empolgante, perdeu para a Argentina na semifinal e com o quarto lugar na competição e agora terá que disputar a vaga olímpica numa espécie de repescagem mundial. Que para muitos, é uma competição ainda mais complicada que o pré-olímpico das Américas, vencido pela seleção norte-americana, a Argentina ficou em segundo após eliminar o Brasil pela segunda vez no torneio.

4.2 Análise quantitativa da cobertura

Até o início da competição, o que se viu foi uma expectativa positiva por parte do veículo. No dia da estréia do Brasil no pré-olímpico, dia 22 de agosto, a seleção brasileira foi capa do jornal, após a estréia e vitória sobre o Canadá, o basquete ganhou uma pequena chamada na capa. A partir daí, o que se viu foram

sete capas seguidas falando do campeonato brasileiro de futebol e nenhuma chamada sobre a situação do Brasil no pré-olímpico de basquete.

E apenas no dia 30 de agosto que o basquete voltou a ter uma pequena chamada na capa do jornal, destacando a derrota para a Argentina. Durante os treze dias de duração do pré-olímpico, a cobertura do jornal Correio Brasiliense refletiu a realidade da reação da mídia em relação aos péssimos resultados do basquete brasileiro em competições internacionais.

Após a derrota para Porto Rico, Argentina e a esperada derrota para os Estados Unidos, o espaço dedicado ao basquete no jornal foi diminuindo. Abaixo se encontra os números da cobertura do jornal no período de 23 de agosto a 03 de setembro de 2007, período em que a seleção brasileira estava disputando e vaga para as olimpíadas de 2008.

Abaixo na tabela segue alguns números da cobertura:

| Esporte | Chamadas na capa do caderno de esporte |
|----------|--|
| Basquete | 2 |
| Futebol | 9 |
| Outros | 2 |

4.3 Análise qualitativa da cobertura

Entre os dias 22 de agosto e 03 de setembro de 2007, período em que o Brasil disputou o pré-olímpico, ou seja, 13 dias, a seleção brasileira de basquete foi capa do caderno de esportes do Correio Brasiliense apenas três vezes. Duas delas apenas foram apenas pequenas notas. O basquete brasileiro, que se encontrava na competição mais importante de sua história, só teve uma matéria de capa inteira, que foi a do dia 22 de agosto, dia da estréia na competição.

Dia 23, logo após a vitória na estréia contra o Canadá, o jornal fez uma pequena chamada na capa de esportes e dentro do caderno falou detalhadamente sobre a vitória do Brasil e divulgou uma tabela dos jogos seguintes da competição. Nos dias 24 e 25, o basquete teve duas pequenas chamadas anunciando os respectivos jogos do dia, contra Venezuela e Ilhas Virgens.

As Vésperas da partida contra os Estados Unidos, no dia 26, a seleção voltou a ter destaque no caderno de esporte com meia página falando da partida contra os americanos. E Quase uma página inteira foi dedicada para informar das derrotas para os mesmos no dia 27, com a chamada “bombardeio americano”. Dia 28 meia página novamente foi dedicada com a chamada “Brasil massacrado”, explicando a derrota para os porto-riquenhos. No dia 30 a seleção voltou a ter uma pequena chamada na capa, infelizmente anunciando mais uma derrota, para a Argentina dessa vez.

E dia 31 o jornal publicou quase outra página inteira para anunciar a segunda partida contra a Argentina, dessa vez valendo vaga nas Olimpíadas de Pequim em 2008. A chamada foi “que venham os hermanos(de novo)”. Dia 1 de setembro, véspera do jogo contra a Argentina mais meia página para a seleção brasileira, com a chamada “bombardeio de críticas”, para justificar a confusão

gerada pelo ala Marquinhos que alegava haver divergências entre comissão técnica e jogadores.

E finalmente nos dias 2 e 3 de setembro, o caderno de esportes do Correio Brasiliense dedicou meia página cada dia com as chamadas “fracasso anunciado” e “final melancólico”. O Brasil novamente perdeu para a Argentina na semifinal do torneio, dia 2, e perdeu a chance de ficar entre os dois primeiros colocados da competição e conseguir a classificação para as Olimpíadas. Como se não bastasse, na despedida, perdeu para Porto Rico e ficou apenas com o quarto

Até o início da competição, o que se viu foi uma expectativa positiva por parte do veículo. No dia da estréia do Brasil no pré-olímpico, dia 22 de agosto, a seleção brasileira foi capa do jornal, após a estréia e vitória sobre o Canadá, o basquete ganhou uma pequena chamada na capa. A partir daí, o que se viu foram sete capas seguidas falando do campeonato brasileiro de futebol e nenhuma chamada sobre a situação do Brasil no pré-olímpico de basquete.

E apenas no dia 30 de agosto que o basquete voltou a ter uma pequena chamada na capa do jornal, destacando a derrota para a Argentina. Durante os treze dias de duração do pré-olímpico, a cobertura do jornal Correio Brasiliense refletiu a realidade da reação da mídia em relação aos péssimos resultados do basquete brasileiro em competições internacionais.

Após a derrota para Porto Rico, Argentina e a esperada derrota para os Estados Unidos, o espaço dedicado ao basquete no jornal foi diminuindo. Cabe aqui também ressaltar que para o basquete conquistar o espaço que mereça na mídia, seria essencial obter bons resultados em competições importantes como mundiais e pré-olímpicos. Infelizmente, essa é uma realidade. A mídia trabalha por demanda, audiência e espetáculo na maioria das vezes, e não irá dedicar um espaço considerável caso a seleção de basquete não obtenha bons resultados como o voleibol brasileiro.

Conclusão

As ações para desenvolvimento do basquete no país precisam ser mais abrangentes. Cobrindo desde a formação de atletas e construção de instalações esportivas, até a criação de ligas profissionais e mudanças na atual organização.

O basquete, apesar de ser considerado um esporte de massa e um dos mais praticados no mundo, ainda é no Brasil um esporte pouco aproveitado, um produto mal-vendido, divulgado e organizado. E como foi dito anteriormente, é natural que enquanto isso continue, falem patrocínios, times, fãs e até praticantes.

Porém, o problema do esporte não é somente com o basquete. O país precisava passar por um projeto de massificação esportiva, a exemplo de Estados Unidos e Cuba como foi dito neste trabalho. O sonho de ver o esporte e educação caminhando juntos precisava sair do papel. Mas para muitos, isto está longe de acontecer, pois isso exigiria uma conscientização política, econômica e social. A começar pelos meios de comunicação de massa.

O estudo demonstrou que apesar do êxito de projetos como o "esporte à meia noite" citado neste trabalho, e a importância que o esporte tem para crianças e jovens como forma de inclusão e desenvolvimento social, a mídia parece fechar os olhos para a realidade desses esportes menos visados, condenando-os ao esquecimento. O jornalismo então, exerce um papel fundamental para que o basquete ganhe um lugar de destaque novamente.

7. REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física. Campinas SP: Papirus, 1998.

COELHO, Paulo Vinicius. Jornalismo Esportivo. São Paulo: Contexto, 2003.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Basquete. <http://www.cbb.com.br>

DOLAN, Sean. Michael Jordan. Chelsea House Publishers. New York, 1994

DUARTE, Orlando. História dos Esportes. 3. Ed. São Paulo: Senac, 2003.

FILHO, Melchiades. A folha corrida do basquete. Artigos disponíveis em <http://melk.blog.uol.com.br/>

PIRES, Giovani De Lorenzi. Educação Física e o Discurso Midiático, abordagem crítico-emancipatória. Ed. Unijuí, 2002.

MARQUES, Renato. Disponível em:
http://www.universia.com.br/html/materia/materia_gdgc.html

NATIONAL BASKETBALL ASSOCIATION. <http://www.nba.com>

NERY, Gustavo. [Entrevista monografia 1]. (Realizada em Outubro 2007).

POZZI, Luiz Fernando. Reflexões sobre o futebol empresa no Brasil

ROSENBLATT, Roger. 2003. Disponível em:
<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/1203/ijsp/rosenblatt.htm>

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões Sociais do Esporte. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VARGAS, Vagner. Monografia.

Apêndice A

Entrevista – Monografia/ Gustavo Nery – Professor de Educação Física e funcionário da Federação Brasiliense de Basquete

1. Quais são os principais problemas que o basquete brasileiro enfrenta no momento?

Acho que há uma crise na direção do basquete brasileiro. Penso - particularmente - que uma mudança de mãos no comando da CBB seria bem-vinda. Não é questão apenas da figura do Grego, mas do grupo que deve estar comandando. Por outro lado, haveria necessidade de uma união de todos em busca do mesmo objetivo, e infelizmente o meio do basquete é bem dividido. Se compararmos o basquete com um esporte como o voleibol, vê-se as diferenças gritantes nessa parte da gestão. Infelizmente, a questão política, em todas as áreas, é um fator limitante na cultura do nosso país. O dia em que o fator técnico suplantar o político e a visão coletiva suplantar a individual, em todas as áreas, estaremos dando um passo decisivo pra melhora em várias áreas, não apenas no basquete. Um problema grande que ainda vejo é a falta de massificação e divulgação do esporte.

2. Como está a situação do basquete de Brasília? Tem evoluído?

Acredito que está havendo uma melhora, mas temos muito a melhorar. Penso que o trabalho da Liga de Basquetebol de Brasília gera muitos frutos para o basquete do Distrito Federal. Tem-se que investir mesmo é na base. Dependemos do trabalho dos técnicos batalhadores e que gostam do esporte. Temos situações de um único técnico tomando conta de todas as categorias no masculino e feminino de uma escola, por exemplo. Embora a federação tenha tirado todas as outras taxas extras pra possibilitar a participação de mais equipes, abrindo os campeonatos a equipes não-filiadas, é feita a cobrança da taxa de arbitragem, que é dividida entre os clubes. Acredito que faltem patrocínios efetivos para se

custear essa taxa. No mini e mirim, em que os próprios alunos apitam, não é necessária a taxa. No infantil e pré-infante, a Liga conta com o patrocínio da Jovem, que diminui muito as taxas. Falta um patrocínio desses para as categorias de cima. Penso que há que se ampliar a participação das cidades satélites no nosso basquete. Há a necessidade também de aumentarmos e qualificarmos o quadro de arbitragem, uma função importantíssima a ser trabalhada.

3. Quais são os projetos por parte da Federação de Basquete do DF para melhorar cada vez mais o basquete brasiliense?

Na parte das seleções, está se tentando trazer competições de base para cá, como os Brasileiros que foram feitos aqui. As seleções estão tendo uma estrutura pra treinar, com local e material de treino, por exemplo. Na parte das competições, tentamos abri-las a todos (o fator econômico ainda pode ser um entrave), e usamos um sistema de montar toda a tabela e a competição ouvindo os técnicos que fazem o basquete. Projetos como o Centro de Basquete Integrado (CBB) e o Segundo Tempo (Governo Federal) tiveram seu espaço, mas particularmente não acompanhei.

4. Você não acha que a situação caótica das quadras esportivas públicas seria um dos principais fatores para que o basquete deixe de ganhar novos adeptos e assim, aumentar sua popularidade?

Acho que é um dos fatores. Penso que, até antes disso, o basquete, assim como os outros esportes, merecem locais para a prática nas escolas públicas.

5. Você concorda que um projeto por parte da Federação Brasiliense, junto com a administração de Brasília claro, para revitalização dessas quadras seria muito bom para o basquete da capital federal? Você acha que seria possível

realizar algo assim?

Acho que sim. Acho que a questão seriam os recursos, que deveriam ir diretamente pra isso, por parte do governo. Mas, haveria a necessidade de todo um trabalho paralelo de educação para a manutenção desses espaços. Teríamos que mudar aspectos como o vandalismo, por exemplo, pois o basquete exige uma estrutura maior para a sua prática.

6. O basquete brasileiro passa por um crise que parece não ter previsão para acabar. Qual seria a solução para essa crise?

Além da mudança de ares na direção, visando dirigentes mais técnicos e menos políticos, penso que o basquete tem que investir na massificação e divulgação do esporte. Assim, dois fatores pra mim são primordiais: basquete na TV (aberta) e basquete na escola. Vivemos a monocultura do futebol, em detrimento dos outros esportes. Um espaço na TV aberta (mostrando grandes eventos do basquete pelo mundo, como a NBA, ou o próprio basquete brasileiro) seria importantíssimo. Mas, antes disso, tem-se que recuperar a Educação Física nas escolas públicas, que não possuem muitas vezes nem quadras, quanto mais quadras de basquete, e em condições para o esporte. A criança tem que ter a chance de conhecer vários esportes - entre eles, o basquete - desde a escola.